

# Sufixos pré-desinenciais de verbos latinos em abordagem construcional

*Predesinential suffixes of Latin verbs on a constructional approach*

Luiz Pedro da Silva Barbosa\*  
Universidade Federal Fluminense  
Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Mariangela Rios de Oliveira\*\*  
Universidade Federal Fluminense/CNPq  
Niterói, Rio de Janeiro, Brasil  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro/FAPERJ  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

**Resumo:** Este artigo descreve e analisa, em perspectiva construcional, quatro padrões sufixais pré-desinenciais latinos: **-sc**, com valor incoativo; **-ta**, com valor frequentativo; **-turi**, com valor meditativo ou desiderativo, e ainda formas absolutas, isto é, sem sufixação, como o verbo *rogo*, *-as*, *-are* (perguntar). À luz dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, tal como praticada no Brasil em Oliveira e Cezario (2017), Rosário e Oliveira (2016) e Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), e da Morfologia Construcional, nos termos de Booij (2013), os objetos de pesquisa referidos são concebidos como famílias de construções do Latim. Conforme Barbosa (2020), a partir de levantamento empírico, constata-se que tais famílias integram um esquema, uma rede hierárquica na língua latina, distribuída em subcategorias, que são aqui apresentadas.

**Palavras-chave:** Sufixos pré-desinenciais. Morfologia construcional. Língua latina. Construção gramatical.

**Abstract:** This article describes and analyzes, from a constructional perspective, four pre-desinential Latin suffix patterns: **-sc**, with incoactive value; **-ta**, with frequent value; **-turi**, with meditative or desiderative value, and still absolute forms, that is, without suffixation, as the verb *rogo*, *-as*, *-are* (to ask). In the light of the assumptions of Usage-based Language, as practiced in Brazil in Oliveira and Cezario (2017), Rosário and Oliveira (2016) and Furtado da Cunha, Bispo and Silva (2013), and of Construction Morphology, in terms of Booij (2013), the referred research objects are conceived as families of Latin constructions. According to Barbosa (2020), from an empirical survey, it appears that such families are part of a scheme, a hierarchical network in the Latin language, distributed in subcategories, which are presented here.

**Keywords:** Pre-desinential suffixes. Constructive morphology. Latin language. Grammatical construction.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo se dedica à investigação de quatro padrões sufixais pré-desinenciais latinos: **-sc**, com valor incoativo, como em *floresco*, *-is*, *-ere*, *florui*, (florecer); **-ta**, com valor frequentativo, como em *rogito*, *-as*, *-are*, *-aui*, *-atum* (perguntar com insistência); **-turi**, com valor meditativo ou desiderativo, como em *parturio*, *-is* *-ire*, *-iui*, *-itum* (estar prestes a parir),

\* Doutor em Estudos de Linguagem (UFF). E-mail: [luiz.opedro@gmail.com](mailto:luiz.opedro@gmail.com).

\*\* Doutora em Letras Vernáculas (UFRJ). E-mail: [mariangelariosdeoliveira@gmail.com](mailto:mariangelariosdeoliveira@gmail.com).

e ainda formas absolutas, isto é, sem sufixação, como o verbo *rogo*, *-as*, *-are* (perguntar). Assume-se aqui que tais padrões podem ser considerados como famílias de construções do Latim e, por conseguinte, podem ser descritos em termos de suas propriedades funcionais e formais pareadas, tal como demonstrado em Barbosa (2020).

Toma-se por base teórica o Funcionalismo linguístico aliado à abordagem construcional da gramática. A perspectiva construcional, com base em Goldberg (1995; 2006; 2019) e Croft (2001), entre outros, tem sido incorporada mais recentemente à pesquisa de cunho funcionalista, na linha de Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), por exemplo. No Brasil, essa linha de investigação tem sido nomeada de *Linguística Funcional Centrada no Uso* (doravante LFCU) e pode ser constatada em Oliveira e Cezario (2017), Rosário e Oliveira (2016) e Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), por exemplo. De acordo com tal perspectiva, as categorias linguísticas resultam de três motivações básicas: as estruturais, concernentes à convenção gramatical; as cognitivas, relativas aos processos de domínio geral, como categorização, analogização, *chunking* e memória enriquecida (BYBEE, 2010); as pragmático-discursivas, referentes ao gênero discursivo, à sequência tipológica, à modalidade, ao registro, entre outros.

Conforme Barbosa (2020), parte-se da hipótese de que os padrões sufixais pré-desinenciais latinos aqui investigados podem ser descritos sob perspectiva construcional, uma vez que verbos latinos formados por processos derivacionais com os sufixos aludidos permitem sua descrição do mesmo modo que verbos sufixados em língua portuguesa. Assume-se também, de acordo com o mesmo autor, que esses padrões integram um esquema, uma rede hierárquica na língua latina, distribuída em subcategorias, variando em sua produtividade linguística.

Para dar conta da análise construcional aqui proposta, este artigo se desdobra em cinco seções mais amplas. Na primeira, focaliza-se a base teórica funcionalista com ênfase na abordagem construcional da gramática, na referência aos pressupostos gerais assumidos por esta área de investigação, hoje nomeada no Brasil como LFCU. Na segunda seção, esse foco teórico se especifica mais, voltando-se para a morfologia construcional, modelo desenvolvido especificamente para a pesquisa no nível morfológico da gramática e que permite o tratamento dos quatro padrões sufixais em análise. A terceira seção é dedicada ao verbo latino e suas formas pré-desinenciais, na apresentação e na descrição mais específica dos objetos de pesquisa. Na quarta seção, apresenta-se o *corpus* latino a partir do qual são levantados os contextos de uso ilustrativos das instâncias das construções em análise, bem como são referidos os procedimentos metodológicos adotados. A quinta seção é dedicada ao tratamento dos verbos formados por sufixos pré-desinenciais em perspectiva construcional, na proposição de pareamentos específicos para cada sufixo e da rede construcional hierárquica de forma do verbo, apresentando-se ainda informes sobre a frequência de suas instâncias de uso. Na sequência, são apresentadas as considerações finais e as referências bibliográficas citadas.

## 2 USO LINGUÍSTICO E ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA GRAMÁTICA

Boa parte das escolas linguísticas formalistas concebem a língua como uma entidade autônoma. Suas materializações, escritas ou faladas, estariam armazenadas em espaço mental que contém uma lista de itens que podem ser produzidos, chamada léxico, e um conjunto de regras que fazem esses itens serem usados de modo a criar material linguístico compreensível aos outros usuários. Tal modelo é chamado de “dicionário e gramática” (HILPERT, 2014, p. 2-3). Entretanto, “essa abordagem, apesar de sua ampla aceitação, é insatisfatória por um número de razões” (TAYLOR, 2012, p. 8)<sup>1</sup>, dado que não é capaz de descrever o uso da língua em sua complexidade, que se manifesta em diversas dimensões, tais como a polissemia, o uso de expressões idiomáticas, o uso de expressões linguísticas que variam de acordo com fatores contextuais diversos, entre outros.

Nesses casos mais complexos, os usos linguísticos não podem ser delimitados pela soma simples de gramática + dicionário. O que explica e define de modo mais abrangente o uso linguístico é a noção de que o nível lexical, concernente à expressão de conteúdos mais plenos e referenciais, e o gramatical, relativo à articulação de relações procedurais, se encontram dispostos num *continuum* e são interdependentes. Essa é a concepção dos estudos funcionalistas mais recentes praticados com base em fontes como Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2010; 2015), entre outros. Essa linha investigativa, que compatibiliza a pesquisa dos usos linguísticos a partir de sua configuração estrutural, motivação cognitiva e sócio-discursiva, tem sido divulgada no Brasil a partir de Oliveira e Cezario (2017), Rosário e Oliveira (2016), Oliveira e Rosário (2015) e Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), entre outros, sob o rótulo LFCU.

A LFCU resulta da compatibilização dos clássicos pressupostos funcionalistas, na linha de Givón, Hopper, Thompson, entre outros, à abordagem construcional da gramática, conforme Goldberg (1995; 2006; 2019) e Croft (2001). Com base nesse diálogo teórico, a relação entre sentido forma (estrutura) e conteúdo (sentido), cara à pesquisa funcionalista, é redimensionada, estabelecendo-se a correspondência biunívoca [[Forma] ↔ [Conteúdo]], de acordo com Traugott e Trousdale (2013, p.8). Nessa codificação, a seta bidirecional especifica a relação intrínseca entre forma e conteúdo, e os colchetes externos atuam como indicador de que o pareamento é uma unidade convencionalizada. Nos termos de Bybee (2010; 2015), a construção é um *chunk*, o resultado da alta vinculação de forma e conteúdo, que assim se fixa por conta da repetição, da recorrência de uso no trato social. A maior frequência de determinadas formas de dizer impacta sua representação, tornando-as mais produtivas e sistematizadas.

De acordo com a LFCU, os falantes de uma língua não a adquirem em módulos cognitivos específicos, mas de forma holística, com semântica, morfossintaxe, fonologia e pragmática funcionando juntas em um pareamento simbólico de forma e sentido (CROFT, 2001). Conforme tal concepção, os eventos interativos são expressos por instâncias de construção (HILPERT, 2014). Uma das definições mais importantes do que seja uma construção é a que se segue:

---

<sup>1</sup>*This approach, in spite of its very wide acceptance, is unsatisfactory for a number of reasons.*

C é uma construção se e somente se C é um par forma-sentido <F, S,> de modo que algum aspecto de F, ou algum aspecto de S, não é rigidamente previsível das partes que compõem C ou de outras construções previamente estabelecidas. (GOLDBERG, 1995, p.4)<sup>2</sup>

A abordagem construcional da gramática é orientada por um conjunto de princípios reunidos por Goldberg (2003) e também por Traugott e Trousdale (2013). Trata-se de um conjunto de afirmações teóricas compartilhadas pelas diferentes gramáticas de construções criadas por autores diversos:

1. Todos os níveis de descrição são compreendidos como envolvendo pareamentos de forma com função semântica ou discursiva, incluindo morfemas ou palavras, expressões idiomáticas, padrões frasais parcialmente preenchidos lexicalmente ou totalmente abstratos;
2. Uma ênfase é situada em aspectos sutis do modo como se concebe eventos e estado das coisas;
3. Uma abordagem “o que você vê é o que você tem” para a forma sintática é adotada: nenhum nível subjacente de sintaxe ou elemento fonologicamente nulo é postulado;
4. Construções são compreendidas como adquiridas na base do estímulo e mecanismos cognitivos gerais (são construídas), e espera-se que variem translinguisticamente;
5. Generalizações translinguísticas são explicadas como relação com delimitações cognitivas juntamente com as funções das construções envolvidas;
6. Generalizações específicas de línguas através de construções são capturadas por redes de herança, assim como há muito se tem postulado para a captura de conhecimento não-linguístico;
7. A totalidade do nosso conhecimento da língua é capturada por uma rede de construções: um “construct-i-con”. (GOLDBERG, 2003: 219)<sup>3</sup>

*Constructicon* é uma criação análoga ao termo inglês *lexicon* – o léxico. Designa o conjunto das construções armazenadas no conhecimento linguístico dos falantes. O *constructicon*, portanto, engloba construções mais ou menos lexicais e gramaticais, dado que constitui todo o conhecimento dos esquemas disponíveis na língua.

Outro componente essencial dessa abordagem é a noção de que as línguas são uma rede de nós e ligações entre esses nós (CROFT, 2007; HUDSON, 2007). Cada construção

---

<sup>2</sup>*C is a construction iff/det, C is a form-meaning pair <F, S,> such that some aspect of F, or some aspect of S, is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions.*

<sup>3</sup>1. *All levels of description are understood to involve pairings of form with semantic or discourse function, including morphemes or words, idioms, partially lexically filled and fully abstract phrasal patterns.*

2. *An emphasis is placed on subtle aspects of the way we conceive of events and states of affairs.*

3. *A 'what you see is what you get' approach to syntactic form is adopted: no underlying levels of syntax or any phonologically empty elements are posited.*

4. *Constructions are understood to be learned on the basis of the input and general cognitive mechanisms (they are constructed), and are expected to vary crosslinguistically.*

5. *Cross-linguistic generalizations are explained by appeal to general cognitive constraints together with the functions of the constructions involved.*

6. *Language-specific generalizations across constructions are captured via inheritance networks much like those that have long been posited to capture our non-linguistic knowledge.*

7. *The totality of our knowledge of language is captured by a network of constructions: a 'construct-i-con'.*

constitui um nó em uma rede de ligações com outras construções, seja em um nível vertical, com esquemas superiores e subesquemas, seja em um nível horizontal, com outras construções (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). A rede de construções que constitui a língua funciona de modo semelhante a outras redes conceituais humanas.

Em alguma medida, a construção se assemelha ao signo linguístico como proposto por Saussure (1955): uma unidade composta de duas partes, uma parte formal e uma parte semântica. As semelhanças, contudo, encerram-se por aí. Enquanto a visão do *Curso de Linguística Geral* é voltada apenas ao vocábulo, a perspectiva construcional estende sua abordagem tanto a construções sintáticas complexas, como padrões sintáticos oracionais ou expressões idiomáticas, quanto a processos de flexão e derivação, como se observa em Goldberg (2013), Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014).

Os diferentes níveis hierárquicos de esquematicidade recebem denominações diversas, de acordo com a LFCU. De modo geral, os autores concebem três níveis hierárquicos de esquematização. Traugott (2008) e Trousdale (2008; 2010) denominam esses níveis de *macroconstrução* (nível mais alto e abstrato, donde emanam níveis mais baixos), *mesoconstrução* (nível intermediário, como subtipos da macroconstrução) e *microconstrução* (*type* específico, totalmente preenchido). Mais tarde, Traugott e Trousdale (2013) refinam essa nomenclatura taxonômica para *esquema*, *subesquema* e *microconstrução*, respectivamente. Já Booij, no âmbito da morfologia construcional, adota os termos *esquema geral*, *esquema dominante*, *subesquema*.

Com relação ao uso linguístico, nessa concepção, é nomeado de *constructo*, na referência o *token* efetivo, à instanciação construcional, ao *locus* da mudança linguística. Este artigo segue a denominação de Traugott e Trousdale (2013), por se tratar de uma abordagem baseada no uso, e também por ser mais interessante à descrição de processos de mudança que ocorrem no nível da microconstrução.

A tripartição desses níveis nem sempre se mostra suficiente para descrever redes construcionais, uma vez que é possível detectar a existência de níveis intermediários entre os três propostos inicialmente, o que acarreta a consideração de outros níveis. Já há trabalhos com suporte teórico da LFCU que concebem mais do que três níveis hierárquicos de esquematização, como os de Sambrana (2018) e Rosa (2019).

No âmbito da LFCU, interessam ainda três fatores construcionais de feição gradiente, como nomeados por Traugott e Trousdale (2013). Um deles é a esquematicidade, que diz respeito ao nível de generalização de uma construção, na consideração de pareamentos totalmente esquemáticos, como SVO, até os totalmente especificados, como idiomatismos do tipo *cair a ficha* e *casa da mãe Joana*. O segundo fator é produtividade, que se refere a parâmetros de frequência de instanciação construcional, seja, nos termos de Bybee (2010), frequência de tipo/padrão (*type frequency*) ou de frequência de ocorrência (*token frequency*). Por fim, o terceiro fator é relativo à composicionalidade, correspondendo ao grau de transparência entre o eixo da forma e do conteúdo da construção e de suas subpartes.

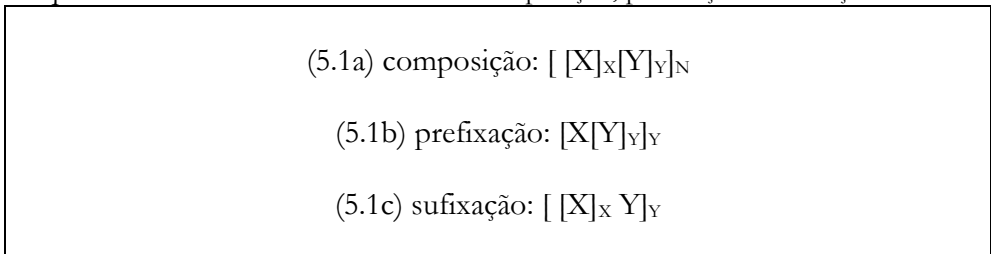
### 3 MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL

Entre os diversos modelos de Gramática de Construções, há um deles desenvolvido especificamente para a abordagem de fenômenos da morfologia, ainda que, de modo geral, modelos construcionais, via de regra, se proponham a serem capazes de investigar a língua em todos os seus níveis, a partir do conjunto de suas propriedades formais e funcionais. A Morfologia Construcional, trabalhada por especialistas como o holandês Geert Booij e o brasileiro Carlos Alexandre Gonçalves, desenvolve-se como uma especialização da LFCU para a abordagem das construções em nível morfológico, recebendo também o afluxo de diálogos com a Linguística Cognitiva.

Define-se a construção morfológica também como um pareamento convencionalizado de forma e conteúdo, assim como as construções sintáticas, de acordo com Booij (2013). A correspondência dessas definições tem importante implicação teórica: uma vez que o conhecimento linguístico humano é armazenado no *constructicon*, isto é, na rede de construções, tanto material sintático quanto material morfológico fazem parte do mesmo domínio construcional. Assim, objetos da sintaxe e da morfologia podem ser adequadamente abordados pela LFCU. Do mesmo modo, distintos processos morfológicos de formação de palavras, como derivação e composição, são operados por esquemas construcionais situados no *constructicon* (BOOIJ, 2002, p. 122).

Os exemplos a seguir mostram como tais processos podem ser representados em esquemas construcionais:

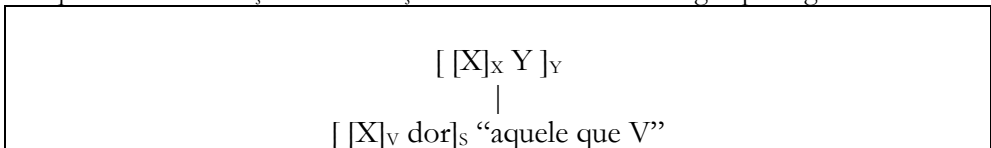
Esquema 1: Padrões construcionais de composição, prefixação e sufixação



Fonte: Tavares da Silva (2017, p. 34)

As variáveis X e Y representam sequências fonológicas, enquanto as variáveis subscritas <sub>x</sub> e <sub>y</sub> indicam categorias de partes do discurso, tais como substantivo (S), adjetivo (A) ou verbo (V). Como exemplo desse tipo de notação, o esquema a seguir mostra como a palavra *cuidador* instancia uma construção de formação sufixal de adjetivos em *-dor*:

Esquema 2: Construção de formação sufixal em *-dor* em língua portuguesa



[ [cuida]<sub>v</sub> dor]<sub>s</sub> “aquele que cuida (profissionalmente) de idosos”

Fonte: Gonçalves, Almeida (2014, p. 176)

O mesmo tipo de esquematização de construções é útil ao estudo dos sufixos pré-desinenciais em Latim, objeto de estudo deste artigo, uma vez que permite abordá-los em termos de sua interface forma x conteúdo. Ademais, tal esquematização admite ainda organizá-los hierarquicamente, vinculando-os em termos de subfamílias de um nível maior.

Em termos de morfologia construcional, há um tópico não consensual entre os autores. Trata-se da designação de morfemas isolados como construções. Enquanto, por exemplo, Traugott e Trousdale (2013) listam morfemas como construções, outros autores, como Booij (2013) e Gonçalves (2016), destacam que morfemas, por si só, não podem ser considerados construções, com o argumento de que a contribuição dos morfemas para o significado das palavras só é acessada por meio da construção morfológica da qual fazem parte.

#### 4 O VERBO E SUA FORMA

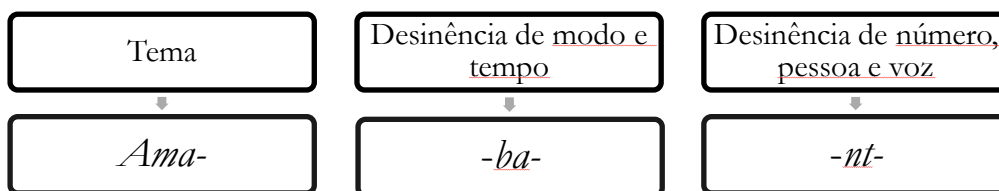
Esta seção se subdivide em duas. A primeira, em abordagem mais ampla, dedica-se à apresentação geral do verbo como categoria gramatical latina. A segunda seção volta-se, de forma mais específica, para os sufixos pré-desinenciais que se configuram como objeto deste artigo.

##### 4.1 O VERBO LATINO

O sistema verbal latino, herdeiro do indo-europeu, apresenta um padrão flexional de posposição de morfemas flexionais após o elemento mórfico denominado *tema*, ligado ao aspecto verbal. O tema verbal é definido como “forma linguística que não funciona sozinha, mas serve como base para construir formas flexionais de palavras (*wordforms*), que podem funcionar sozinhas” (TRASK, 2006, p. 245). Trata-se de um dos elementos morfológicos que compõem o verbo. Em muitas línguas (como no Latim), o tema, quase sempre, é seguido de uma vogal, o que a configura como vogal temática.

A figura a seguir mostra a estrutura mórfica de um verbo (LEITE, 2016, p. 291); nela se distinguem tema, acrescido de desinências de modo e tempo e desinências número, pessoa e voz. A forma usada como exemplo é de terceira pessoa do plural da voz ativa do pretérito imperfeito do verbo *amo*, *-are* (amar):

Figura 1: Estrutura morfológica do verbo latino



Fonte: Barbosa (2020, p. 25)

No entanto, já que o tema é composto por radical acrescido de vogal temática, muitos manuais e gramáticas analisam a estrutura do verbo latino como “radical + vogal temática”, ao invés de simplesmente *tema*, como se encontra em Amarante (2015, p. 67). Na Figura 1, o tema *ama* é composto pelo radical *am* acrescido de uma vogal temática *-a*.

Assim, o objeto desta pesquisa concorre para a formação dos temas verbais, situado antes das respectivas desinências flexionais. Por essa razão são nomeados de *sufixos pré-desinenciais*.

## 4.2 A FORMA DO VERBO

Tradições gramaticais da Roma Antiga, quando abordam a morfologia verbal do Latim, listam uma série de categorias morfológicas que incidem sobre o verbo: tempo, aspecto, modo, número, pessoa, voz e, ainda, uma categoria que os gramáticos antigos intitulam *forma uerbi* – a forma do verbo. Essa última se manifesta por meio de elementos mórficos situados entre o radical e as desinências flexionais dos verbos, consistindo, portanto, em sufixos pré-desinenciais. Um dos principais exemplos das descrições dessa categoria feitas por estudiosos da Antiguidade é o do gramático Carísio, do século IV d.C.:

As formas dos verbos são quatro. Perfeita, meditativa, incoativa, aquela que será feita frequentemente, que é também a freqüentativa. Verbos com a qualidade perfeita são como *amo* (amar) *caleo* (estar quente) *lego* (ler) *scribo* (escrever), com a meditativa são como *amaturio* (estar prestes a amar) *parturio* (estar prestes a ler), com a incoativa são como *calesco* (aquecer) *fervesco* (efervescer), com a que será feita frequentemente são como *lectito* (ler repetidamente) *scriptito* (escrever repetidamente). (KEIL, 1857, p. 561)<sup>4</sup>

Descrições semelhantes podem ser encontradas nas obras de estudiosos como Donato, Dositeu, Diomedes, Máximo Vitorino, Focas e Áspero Júnior, conforme compilado em Keil (1857; 1864; 1874; 1880) e Keil e Hertz (1880). Com base nessas

<sup>4</sup>*Formae verborum sunt quattuor, perfecta, meditativa, inchoativa, saepius agendi, quae et frequentativa. Perfectae qualitatis verba sunt ut amo, caleo lego scribo, meditativae sunt ut amaturio parturio, inchoativae ut calesco, fervesco, saepius agendi ut lectito scriptito.*

descrições, o objeto de investigação deste artigo é definido como os sufixos que constituem a chamada “forma do verbo”. Assim, as formas estudadas são compostas pelos seguintes morfemas, acompanhados de seus respectivos exemplos de uso, retirados de textos latinos antigos:

a) Verbos formados pelo sufixo **-sc**. O sufixo é usado com produtividade na formação de temas verbais tanto a partir de nomes, como *senesco*, *-ere* (envelhecer), criado a partir de *senex* (velho), quanto a partir de outros verbos, como *floresco*, *-ere* (florescer), criado a partir de *floreo*, *-ere* (estar florido), como em:

(1)

*Ego, qui tuo maerore maceror,*

***macesco, consenesco et tabesco miser;***

*ossa atque pellis sum miser a macritudine;*

(Século III a.C., Plauto, *Catins*, vv. 134-6)

Eu miserável, que estou comovido pelo teu sofrimento,

**emagreço, envelheço, desfaleço;**

estou pele e osso pela magreza.

b) Verbos formados pelo sufixo **-ta**. Apresentam sentidos que transitam entre noções de frequentatividade, insistência, repetição, habitualidade e iteratividade. Essa última acepção faz com que sejam chamados também de *iterativos* (SJOESTEDT, 1925; DUBOIS et al, 2006). Tradicionalmente, seu uso é atribuído a motivações atinentes a registros da língua com menor prestígio, a situações informais e à modalidade falada. De acordo com Meillet e Vendryes (1966, p. 288), trata-se de uma “formação claramente popular, por causa de seu caráter expressivo<sup>5</sup>”, tal como ilustrado a seguir:

(2)

STR. *Quae te mala crux **agitat**? Quid tibi mecum est commercii, senex?*

*quid me **adffictas**? quid me **raptas**? qua me causa verberas?*

EVCL. *Verberabilissime, etiam **rogitas**, non fur, sedtrifur?*

(Plauto, *Anlularia*, 631-4, Século III a.C.)

STR. Que cruz ruim te **move repetidamente**? Que assunto você tem comigo, velho?

Por que você me **bate repetidamente**? Por que me **agarra repetidamente**? Por que me agride?

EUCL. Ah, agredibilíssimo, ainda **pergunta repetidamente**, seu não ladrão, mas triladrão?

c) Verbos formados pelo sufixo **-turi**. Apresentam ora o sentido de “estar prestes a realizar uma ação”, ora o sentido de “desejar fazer uma ação”, razão pela qual são

<sup>5</sup>*C'est une formation netement populaire, à cause de son caractère expressif.*

chamados também desiderativos, conforme Meillet e Vendryes (1966, p. 284). O fragmento (3) ilustra o comentário:

(3)

*ego togatus nobis bonisque omnibus adiutoribus hoc quod conceptum res publica periculum parturit consilio discutiam et comprimam.*

(Cícero, *Pro Murena*, 84, Século I a.C.)

Eu, togado, para vocês e todos os bons assistentes, dissiparei e suprimirei este sabido perigo que a República **está prestes a parir**.

d) Verbos sob forma absoluta, isto é, sem sufixação, como *rogo*, *-as*, *-are* (perguntar) ou *pario*, *-is*, *-ire* (parir)

## 5 METODOLOGIA

Esta seção, tal como a anterior, também se encontra dividida em duas específicas. Diante da extensão da produção escrita em Latim na antiguidade (excetuando-se as produções medievais, modernas e contemporâneas), é imperioso selecionar uma parte desses produtos para quaisquer tipos de análise de dados. Assim, a pesquisa delimita gêneros, autores e séculos. Os critérios para a seleção dos textos, bem como os procedimentos de coleta de dados, são expostos nas seções a seguir.

### 5.1. CORPUS DE PESQUISA

O primeiro critério para a seleção dos textos é o equilíbrio entre as sincronias em análise, evitando-se que houvesse uma variação de tamanho muito grande entre um século e outro. A única exceção a esse critério é o século mais antigo, III a.C., com número maior de dados coletados. Essa diferença ocorre porque há apenas um só autor nesse século – Plauto – e sua obra é tomada na totalidade para a constituição do *corpus*.

O segundo critério para a seleção de autores e gêneros é qualitativo. Como este artigo se inscreve em uma investigação diacrônica (BARBOSA, 2020), a seleção busca contemplar textos que se configuram como ambientes favoráveis à inovação e à mudança linguísticas. Nesse sentido, há traços que distinguem textos e gêneros latinos, como marcas mais próximas à modalidade falada, e materiais representativos de variedades menos prestigiadas da língua.

De todo modo, a seleção a delimitação do *corpus* não é simples, pois até mesmo gêneros que gozam de menor prestígio (como as sátiras ou fábulas) são produtos de complexas elaborações e jogos poéticos. Além disso, um recorte que escolhesse um gênero único não seria possível para análises quantitativas e diacrônicas, já que nem todos os gêneros são produzidos em todos os séculos. Um dos principais exemplos dessa limitação é a comédia, que conta com rica produção preservada nos dois primeiros séculos, III e II a.C., mas praticamente desaparece nos séculos seguintes, contando apenas com uma única obra, de autoria desconhecida, no século IV d.C. O mesmo ocorre, por

exemplo, com o gênero fábula, que é registrado apenas nos séculos I d.C. e IV d.C.. Assim exposto, a delimitação do *corpus* seleciona autores diversos de gêneros diversos, dando conta do registro de usos linguísticos atestadores das instâncias das construções pesquisadas.

Nessa seleção ampla, os gêneros não contemplados no levantamento de dados são aqueles que apresentam um tom solene e, segundo a Poética de Aristóteles (1448a), retratam os homens superiores em relação ao que são na realidade. Assim, o *corpus* não conta com tragédias e epopeias entre os textos em verso, bem como textos técnicos dos textos em prosa.

Há, ainda, outros fatores para a seleção dos textos. De modo geral, foram evitados aqueles autores cujas obras chegaram à modernidade de modo fragmentado. A seleção privilegiou obras integrais, ou ao menos bem preservadas.

Entre os gêneros selecionados, há um último componente aleatório para a escolha dos textos; esse componente diz respeito à seleção de determinados autores que representam um gênero. Como exemplo, mencionam-se gêneros como a elegia, que conta com a obra de Propércio, mas não de Ovídio ou Tibulo, que também são autores elegíacos; ou o gênero satírico, que conta com os textos de Pérsio e Juvenal, mas não com as sátiras de Horácio. O componente aleatório é a razão para a escolha desses autores, uma vez que não há a disponibilidade para incorporá-los na totalidade de sua produção ao *corpus*.

O resultado da seleção assim realizada constitui o *corpus* de pesquisa, cujos autores e obras são listados no quadro a seguir. Ao lado de cada autor, são apresentadas as respectivas obras usadas, sejam elas na totalidade da produção do referido autor, sejam apenas uma parte da totalidade do que escreveu e está preservado:

Quadro 1: Séculos, autores e obras do *corpus* de pesquisa

<p><b>a) Século III a.C</b>  -Plauto (20 Comédias)</p> <p><b>b) Século II a.C</b>  -Terêncio (6 comédias)</p> <p><b>c) Século I a.C</b>  -Catulo (116 poemas)  -Cícero (5 discursos; 6 livros de cartas)  -Propércio (92 poemas)</p> <p><b>d) Século I d.C</b>  -Petrônio (1 romance)  -Fedro (127 fábulas)  -Juvenal (16 sátiras)  -Pérsio (6 sátiras)</p>	<p><b>f) Século III d.C</b>  -Comodiano (69 poemas);  -História de Apolônio (1 história);  -Dionísio Cato (144 dísticos);  -Nemesiano (4 bucólicas)  -Reposiano (1 poema)  -Tertuliano (4 monografias)</p> <p><b>g) Século IV d.C</b>  -<i>Querolus</i> (1 comédia)  -<i>Peruigilium Veneris</i> (1 poema)  -Aviano (42 fábulas)  -Avieno (2 poemas)  -Eutrópio (10 histórias)  -Ambrósio (1 livro de cartas; 12 hinos)  -Ausônio (2 poemas)</p>
---	--

<p><b>e) Século II d.C</b> -Apuleio (1 romance) -<i>Carimna Priapea</i> (83 poemas)</p>	<p><b>f) Século V d.C</b> -Sidônio Apolinário (9 livros de cartas) -Célio Sedúlio (5 poemas)</p>
---	--

Fonte: Barbosa (2020, p. 87-88)

## 5.2 COLETA DE DADOS

Uma vez estabelecido o *corpus* de pesquisa, os textos foram submetidos a procedimentos de coleta de dados, com o fim de mapear as ocorrências de verbos formados por sufixos pré-desinenciais. O acesso aos textos nesse momento inicial foi efetivado por plataformas digitais<sup>6</sup> como *Bibliotheca Augustana*, *Perseus Digital Library* ou *Lacus Curtius*. Os exemplos aqui apresentados são cotejados com as respectivas edições críticas da *Loeb Classical Library*.

O primeiro procedimento de coleta de dados consistiu na busca pelos morfemas estudados (*-ta*, *-sc* e *-turi*) nos textos. Para tal, utilizou-se a ferramenta de localização dos navegadores. Para cada um dos sufixos, a primeira etapa do procedimento consistiu na busca pelas sequências de caracteres que os compõem. Depois de revisadas uma a uma, aquelas que correspondiam aos morfemas estudados foram registradas e as que correspondiam a outros itens foram descartadas.

É importante que se tenha em mente que a seleção de um verbo formado por um sufixo pré-desinencial tem relação muito próxima com o contexto de produção daquele texto. No caso de textos antigos, fatores contextuais podem contribuir para o aumento da frequência *token*<sup>7</sup> de determinadas microconstruções, a depender do conteúdo dessas fontes. Por isso, o viés analítico adotado aqui é eminentemente qualitativo, a partir da análise dos contextos de uso, embora tenha sido levantado considerável e expressivo número de dados de cada século latino.

Um exemplo relevante da influência dos contextos de uso e da opção por abordagem qualitativa é a frequência *token* do verbo *habito*, *-are* (habitar) no século mais antigo do *corpus*. No excerto a seguir, observa-se uma concentração de usos desse verbo, causada por motivações discursivas atinentes a sua trama. As personagens da comédia discutem sobre uma casa que parecia estar abandonada por seu senhor, mas na verdade estava sendo usada, sem consentimento prévio, por seu filho:

(4)

TH. *Puere, nemo hic **habitat**. nam te esse arbitrator puerum probum.*

<sup>6</sup> Disponíveis em: <https://latin.packhum.org/>; <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>; <http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/home.html>; [https://www.hs-augsburg.de/~harsch/a\\_index.html](https://www.hs-augsburg.de/~harsch/a_index.html)

<sup>7</sup>De acordo com Bybee (2010), tem-se a frequência *token*, que diz respeito à frequência de ocorrência de cada item, do número de vezes que é usado, e a frequência *type*, que se refere à ocorrência de um tipo específico de padrão.

PHAN. *Non hic Philolaches adulescens **habitat** hisce in aedibus?*  
TH. **Habitauit**, *uerum emigravit iam diu ex hisce aedibus.*  
PIN. *Senex hic elleborosust certe.* PHAN. *Erras peruorse, pater.*  
*Nam nisi hinc hodie emigravit aut heri, certo scio*  
*hic **habitare**.* TH. *Quin sex menses iam hic nemo **habitat**.* PIN. *Somnias.*  
TH. *Egone?* PIN. *Tu.* TH. *Tu ne molestus's. Sine me cum puero loqui.*  
Nemo **habitat**. PHAN. *Habitat **profecto**...*

(Plauto, *Mostellaria*, vv. 949-56, Século III a.C.)

TH. Menino, ninguém mora aqui. Pois acho que você é um menino decente.  
FAN. Aquele adolescente Filolaques não mora aqui nessa casa?  
TH. Morou, na verdade já se mudou dessa casa há um tempo.  
PIN. O velho com certeza está doido! FAN. Você erra terrivelmente, pai.  
A não ser que tenha se mudado hoje, sei com certeza que alguém  
Mora aí. TH Já tem seis meses que ninguém mora aí. PIN. Está sonhando.  
TH. Eu? PIN. Tu. TH. Não seja chato, me deixa falar com o menino.  
Ninguém mora! FAN. Mora com certeza...

Como se observa, as sete ocorrências em sete versos contribuem para o aumento da frequência *token* do verbo *habito*, *-are* no século III a.C. Já nos demais séculos, sua frequência cai acentuadamente, ainda que o verbo continue a ser usado. Esse exemplo ilustra a necessidade, na LFCU, de que se leve em conta o gênero e o contexto ao se abordar o uso linguístico efetivo como instância de construção, já que estas últimas constituem objetos virtuais.

## 6 ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DOS SUFIXOS PRÉ-DESINENCIAIS

Uma vez exposta a base teórico-metodológica que orienta o presente artigo, procede-se nesta seção ao tratamento do objeto de pesquisa. Demonstra-se, portanto, como os verbos formados por sufixos pré-desinenciais podem ser descritos sob uma perspectiva construcional.

Assume-se que verbos latinos formados por processos derivacionais com os sufixos de forma do verbo podem ser descritos do mesmo modo que verbos sufixados em língua portuguesa. Os esquemas básicos das construções aqui propostas são inspirados nos trabalhos de Booij (2013), que, por sua vez, fazem uso do tipo de notação desenvolvido por Jackendoff (2002).

A adoção neste artigo do rótulo de “construção forma do verbo” baseia-se na denominação dos gramáticos da antiguidade *forma uerborum*. Assim, a construção “forma do verbo” em Latim é expressa da seguinte maneira:

Esquema 3: Construção *Forma do Verbo*

<[ [X]<sub>x</sub> –(Y)]<sub>v</sub> ↔ [evento relacionado a SEM]<sub>v</sub>>

Fonte: Barbosa (2020, p. 95)

Os símbolos > e < (maior e menor) demarcam o esquema construcional e a seta de ponta dupla (↔) representa o elo de correspondência simbólica entre propriedades formais e propriedades funcionais, como destaca Croft (2001). Os colchetes [ ] capturam a representação de cada um desses polos, delimitando as subpartes que compõem a construção. Os parênteses compreendem um *slot*<sup>8</sup> que pode não ser preenchido, sendo, portanto, opcional; o hífen mostra a posição do termo no qual o sufixo derivacional se encaixa.

Como se pode observar, essa construção é formalmente composta por dois *slots*: o primeiro, representado por [X]<sub>x</sub>, pode ser preenchido por um elemento X, que consiste em uma sequência fonológica que pode pertencer às categorias representadas pelas letras maiúsculas subscritas: substantivo (S), adjetivo (A) ou verbo (V); o segundo *slot* da construção é a subparte representada pela variável Y, que consiste em uma sequência fonológica que é preenchida pelos sufixos pré-desinenciais *-ta*, *-sc* ou *-turi*. As letras minúsculas subscritas i e j constituem índices lexicais que fazem referência às correspondências desses *slots* no conjunto das propriedades funcionais da construção. Do outro lado, SEM representa o conteúdo semântico vinculado ao *slot* com o mesmo índice i.

Como ilustração, o Esquema 4, a seguir, traz a formação construcional do verbo latino *rogito*, *-are* (perguntar repetidamente):

Esquema 4: Microconstrução da forma do verbo *rogo*

<[ [rogo]<sub>v<sub>i</sub></sub> –ta]<sub>v<sub>j</sub></sub> ↔ [perguntar repetidamente:]<sub>v<sub>j</sub></sub>>

Fonte: Barbosa (2020, p. 95)

O verbo *rogo*, *-are* (perguntar) recebe o sufixo *-ta*, que contribui com valor semântico de repetição ao verbo. O resultado é uma forma *rogito*, *-are*, com o significado de perguntar repetidamente. O Esquema 4 constitui a especificação do Esquema 3, por meio do preenchimento de seus dois *slots*. Ambos, por sua vez, são especificações de um esquema maior de sufixação, que foge do escopo do presente artigo.

Assim, conforme preconiza a LFCU, construções se organizam de acordo com níveis hierárquicos. Os links que conectam esses distintos níveis hierárquicos são de quatro tipos, conforme Goldberg (1995, 2006), Traugott e Trousdale (2013) e Booij

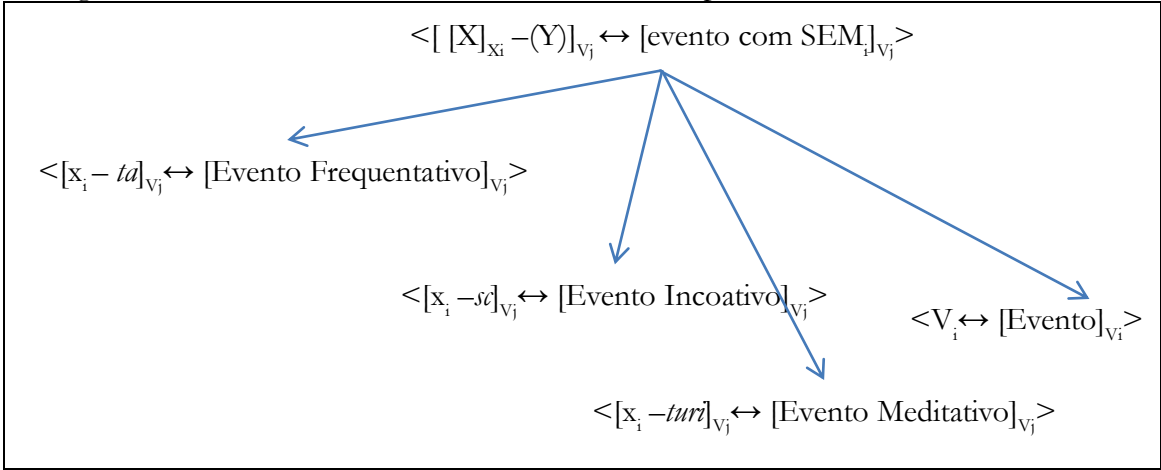
<sup>8</sup>Termo técnico da codificação construcional, na referência a uma parte altamente esquemática, que pode ser ocupada por termos específicos.

(2018): polissemia, extensão metafórica, subparte e instanciação. Desse modo, a relação entre os esquemas 3 e 4 é uma relação de instanciação, pois o esquema mais específico 4 é uma instância do esquema mais geral 3, especificado por meio do preenchimento de seus *slots*.

Uma vez que a construção em estudo compreende formações derivacionais com três possíveis sufixos, é válido afirmar que o esquema da construção “forma do verbo” pode instanciar três subesquemas. Em uma hierarquia construcional, esquemas são os níveis mais altos de esquematicidade. Estes, por sua vez, sancionam construções em um nível inferior, a meio caminho entre a máxima esquematicidade e a máxima substantividade. Nessa visão, subesquemas são parcialmente esquemáticos e parcialmente substantivos.

Assume-se aqui que há uma rede construcional hierárquica, exposta na Figura 2 a seguir, com o esquema e seus subesquemas, formada por meio do preenchimento do *slot* correspondente ao elemento sufixal. Há, ainda, a possibilidade do não preenchimento desse *slot*, deixando-o vazio e produzindo um verbo sem morfema derivacional, a chamada “forma absoluta”

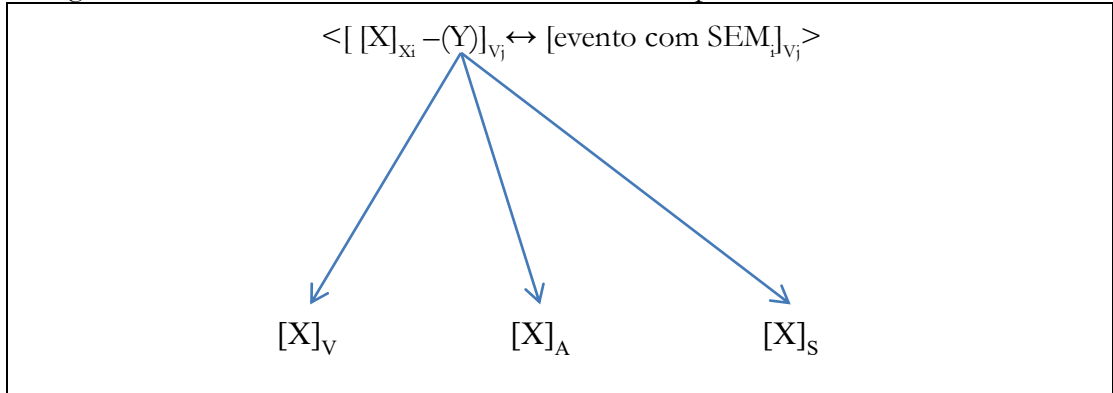
Figura 2: Rede construcional de *Forma do Verbo* com preenchimento do elemento Y



Fonte: Barbosa (2020, p. 97)

O objeto pesquisado também permite a descrição de uma rede construcional formada pelo preenchimento do *slot*  $[X]_x$ , que pode conter elementos de várias classes gramaticais. Dessa maneira, os elementos que ocupam esse *slot*, pertencendo a classes verbais ou nominais, constituem o *input* do esquema superior. A representação esquemática dessa relação é feita pela figura a seguir. Observe-se o preenchimento da variável maiúscula subscrita, que corresponde à categoria gramatical do *input*. Na rede apresentada na Figura 3, V designa *verbo*, A designa *adjetivo* e S designa *substantivo*:

Figura 3: Rede construcional de *Forma do Verbo* com preenchimento do elemento X



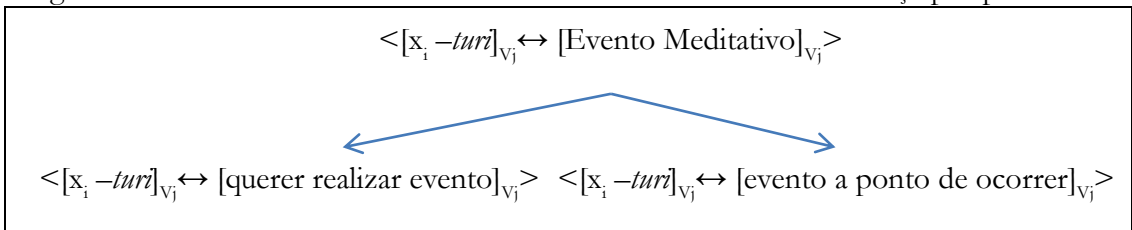
Fonte: Barbosa (2020, p. 97)

No *corpus* de pesquisa, a maior parte dos *inputs* são verbos, especialmente entre os frequentativos. Retomando o exemplo apresentado pelo Esquema 4, o verbo frequentativo *rogito*, *-are* tem o *input* verbal. Já entre os verbos incoativos, observa-se maior variedade de *inputs*, tais como *lucesco*, *-ere* (iluminar-se), que tem como *input* o substantivo *lux* (luz); *raresco*, *-ere* (rarear-se), que tem como *input* o adjetivo *rarus*, *-a*, *-um* (raro); *nosco*, *-ere* (conhecer), que tem como *input* um radical *-gn-*, que não ocorre isoladamente.

Outro tipo de linke de herança que pode ser observado nos sufixos pré-desinenciais é aquele por polissemia, apesar de já ser menos claro que os outros tipos. De acordo com Goldberg (1995, p. 33), a polissemia construcional ocorre quando uma mesma forma é pareada com sentido distinto, em termos de maior abstratização e subjetividade, ainda que relacionado ao sentido fonte.

O linke de herança por polissemia nesta pesquisa pode ser observado em nível mais específico apenas com verbos meditativos. Nesse caso, há distinção semântica entre os verbos formados pelo sufixo *-turi*. A depender do conteúdo do verbo que preenche o *slot*  $[X]_x$ , o resultado de SEM pode ser volitivo (querer realizar evento) ou temporal (evento a ponto de ocorrer). A figura a seguir mostra essa relação polissêmica:

Figura 4: Rede construcional de verbos meditativos via links de herança por polissemia



Fonte: Barbosa (2020, p. 98)

Os trechos a seguir, retirados do *corpus*, mostram as duas acepções dos verbos meditativos. O fragmento (5) ilustra um verbo com sentido de “estar prestes a realizar um evento” e o fragmento (6) mostra um verbo com sentido de “querer realizar um evento”:

(5)  
*Mons **parturibat**, gemitus immanes ciens,  
 eratque in terris maxima expectatio.*

(Século I d.C., Fedro, Fábulas, IV, 20, vv. 1-2)

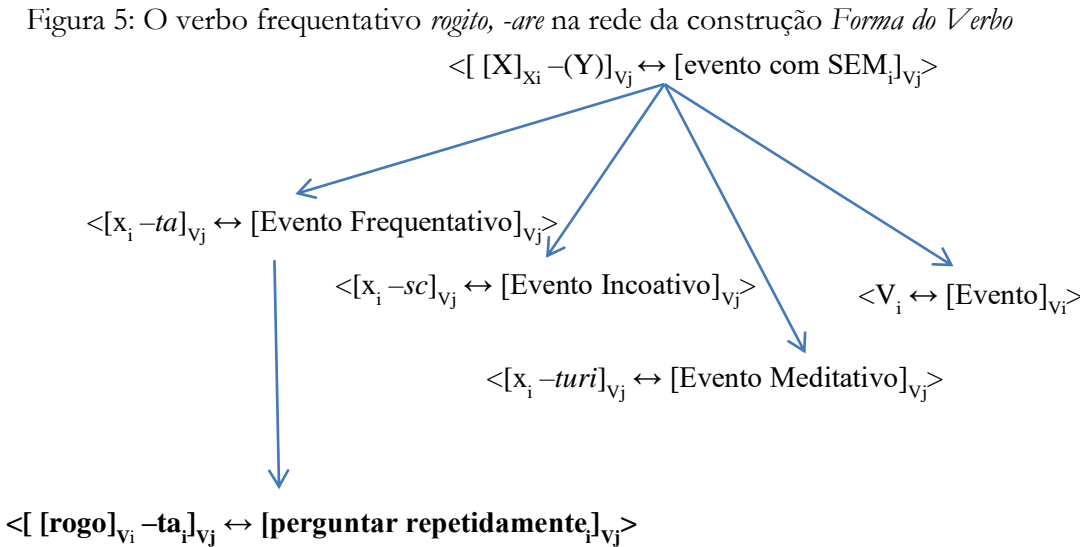
O monte **estava prestes a parir**, soltando gemidos terríveis,  
 E havia na terra a maior expectativa

(6)  
*Nam per armariola et xothbeculas nostras non remanserunt digna prolatu. Unde cognosce, quod, et  
 si tacere necdum, coepimus certe **tacituri**, dupliciex causa [,,]*

(Século V d.C. Sidônio Apolinário, Epístolas, 8, 16.)

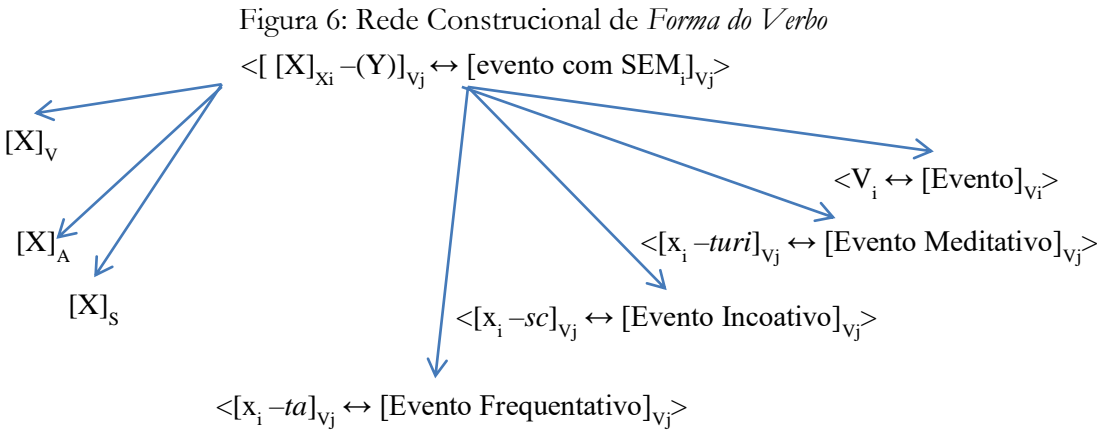
Pois em nossos pequenos armários e gavetas, não ficaram coisas dignas de passar a  
 diante. Procura saber de onde, por que, apesar de ainda não nos estarmos calados,  
 começamos certamente a **querer estar calados**, devido a uma causa dúplice [,,]

A representação da hierarquia construcional não se encerra aqui. Há, ainda, um nível hierárquico mais específico, formado pelo preenchimento de ambos os *slots*, que já se observam no Esquema 4. Assim como o exemplo do verbo *rogito*, *-are* usado então, há a possibilidade de diversos esquemas semelhantes com *inputs* variados preencherem o *slot* [X]<sub>x</sub>. Essa inserção na rede construcional é expressa pela figura a seguir:



Fonte: Barbosa (2020, p. 99)

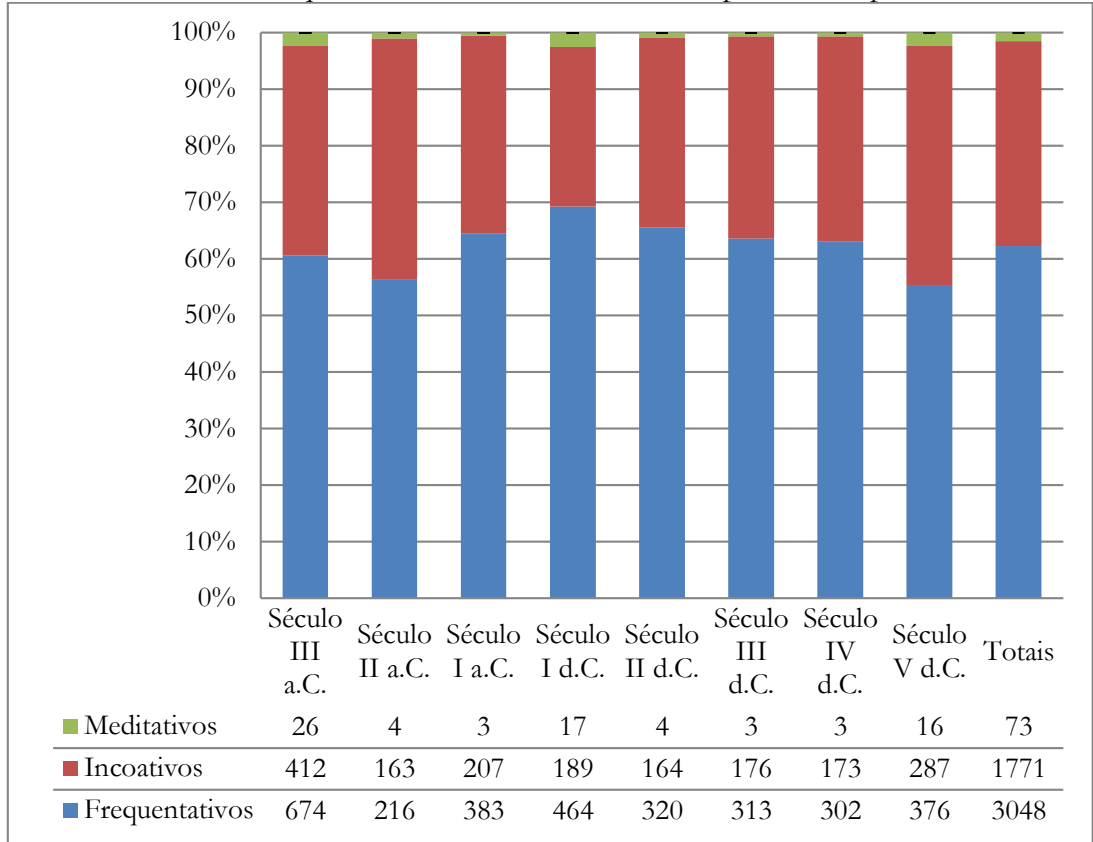
Chega-se, finalmente, à projeção dos esquemas correspondentes ao preenchimento dos dois *slots* em um único esquema construcional. O resultado é uma rede construcional de *forma do verbo*. Cada subesquema, por sua vez, instancia um grande número de microconstruções, que correspondem a cada verbo formado pelo respectivo sufixo derivacional:



Fonte: Barbosa (2020, p. 100)

O gráfico a seguir detalha a ocorrência de *tokens* de verbos formados por sufixos pré-desinenciais. Na última coluna, é apresentada a soma das ocorrências de todos os séculos. A disposição do gráfico permite uma comparação entre o quantitativo de *tokens* atinente ao uso dos três sufixos estudados. O levantamento mostra diferença acentuada entre o uso de *tokens* meditativos em relação aos demais. Há variações pouco perceptíveis entre a proporção de verbos frequentativos e a de verbos incoativos. No século I d.C., há maior proporção de uso de verbos frequentativos de todas as sincronias analisadas, o que pode ser explicado pela quantidade de textos que retratam um estilo menos formal do Latim, como fábulas e sátiras:

Gráfico 1: Frequência *token* de verbos formados por sufixos pré-desinenciais



Fonte: Barbosa (2020, p. 125)

Como se observa pelo Gráfico 1, em termos de produtividade, dos três sufixos estudados, o sufixo *-ta* frequentativo faz parte do subesquema mais recorrente. Verbos com valor de frequência se distribuem em quatro subtipos, de acordo com os critérios de presença da forma primitiva nos registros do *corpus* e de suscetibilidade a processos de mudança. Esses processos atingem verbos com frequência *token* mediana, em relação aos demais, e concorrem para a progressiva abstratização do conteúdo semântico e consequente fusão do radical com o sufixo, o que se configura como neanálise, produzindo uma nova forma absoluta por meio do mecanismo de analogização.

Já o sufixo *-sc* incoativo, ainda que apresente alta frequência nos textos latinos, não está sujeito a processos de mudança linguística. Os verbos incoativos distribuem-se em grupos menos complexos que os anteriores, aplicando-se os mesmos critérios de agrupamento. Esse morfema é, contudo, o mais antigo dos três e as análises apontam que os possíveis processos de mudança tenham ocorrido antes do aparecimento dos primeiros textos.

O sufixo meditativo *-turi*, por sua vez, apresenta frequência fortemente mais baixa que os demais, o que se relaciona à sua especificidade semântica e ao seu peso fonológico. A pouca ocorrência de *types* meditativos, no entanto, não concorre para sua obsolescência

no *corpus* de investigação. Ao contrário, novos *types* são criados, mesmo após séculos sem aumento de frequência *type*. Esse fator pode ser explicado pela continuidade de uma tradição gramatical que prevê a forma meditativa dos verbos. Assim, os autores antigos, seguramente, tinham conhecimento dessa tradição e a combinavam com sua criatividade para a constituição de novos verbos meditativos.

As análises quantitativas gerais apontam para uma tendência de aumento no uso de morfemas pré-desinenciais com o passar dos séculos. Esse fator é ratificado especialmente pelos coeficientes de frequência *type*, que, com trajetórias ascendentes bastante semelhantes, indicam aumento de produtividade dos subesquemas. Quanto aos quocientes de frequência *token*, é possível distinguir trajetórias distintas: verbos frequentativos e meditativos apresentam um acentuado aumento no século I d.C., enquanto verbos incoativos mantêm uma trajetória com oscilação pouco perceptível no mesmo período. Essa distinção é explicada pela relação entre o uso de verbos frequentativos e meditativos e registros menos formais do Latim, uma vez que o século em questão é marcado pela profusão de textos que servem de fonte para falares menos prestigiados do Latim.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação da abordagem construcional, no contexto da LFCU, aos sufixos pré-desinenciais dos verbos latinos permite estabelecer que a categoria “forma do verbo”, tal como denominada pelos gramáticos da Antiguidade, é constituída pela instanciação de um esquema de derivação sufixal que produz verbos. Constata-se que cada um dos referidos sufixos, quando adicionados a uma base (nome, verbo ou raiz) constrói determinado subesquema, que se vincula a um esquema maior do *constructicon* latino. Uma vez que a adição do sufixo à base é opcional, por se tratar de um processo derivacional, a forma do verbo sem sufixo também constitui um subesquema. Cada verbo constitui, por si, uma microconstrução.

Esta pesquisa revela, sobretudo, um objeto variado, que necessita de análises específicas com base em subesquemas e, especialmente, em microconstruções. Os fenômenos de mudança que incidem sobre a forma do verbo constituem processos *bottom-up*, partindo de níveis esquemáticos mais baixos na hierarquia construcional e, eventualmente, atingindo nível superior. É o que ocorre com os verbos frequentativos, nos quais uma série de mudanças gramaticais acaba por afetar o subesquema, eliminando-o da rede construcional e integrando-o às formas absolutas. O subesquema meditativo também é eliminado, porém não pelas mesmas razões, mas sim pelo pouco uso que apresenta ao longo dos séculos. O subesquema incoativo, por sua vez, seguiu existindo e continua sendo observado em línguas neolatinas.

Os resultados obtidos, a partir da pesquisa dos padrões sufixais pré-desinenciais latinos sob perspectiva construcional, para além de descreverem sua hierarquia esquemática no *constructicon* do Latim, apontam caminhos promissores para a adoção desse aparato teórico-metodológico na investigação de outros esquemas morfológicos em línguas diversas.

## REFERÊNCIAS

- AMARANTE, J. *Latinitas: Leitura de textos em língua latina*. Salvador: EDUFBA, 2015. Disponível em: <https://www.latinitasbrasil.org/>
- BARBOSA, L. P. S. “*Forma verborum*”: uma abordagem construcional dos sufixos pré-desinenciais de verbos latinos. 196 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2020.
- BOOIJ, G. Compounding and derivation: Evidence for Construction Morphology. In DRESSLER, W. et al (edt). *Morphology and Its Demarcations: Selected Papers from the 11th Morphology Meeting*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.
- BOOIJ, G. Construction morphology. *Language and Linguistics Compass*. 3/1, p. 1–13, 2013.
- BOOIJ, G. *The Construction of Words: Advances in Construction Morphology*. Leiden: Springer, 2018.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, W. Construction Grammar. In GEERAERTS, D. & CUYCKENS, H. *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Linguística*. Vários tradutores. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mario Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X FAPERJ, 2013, pp. 13-40.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. Constructions: A new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences* 7/5, pp. 219–24, 2003.
- GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. *Explain me this: creativity, competition and the partial productivity of constructions*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2019.

GONÇALVES, C. A. *Morfologia Construcional*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A.; ALMEIDA, M. L. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa*, São Paulo, 58 (1), pp. 165-193, 2014.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its Application to English*. Edimburgh: Edimburgh University Press, 2014.

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (edt). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2013.

HUDSON, R. *Language Networks: The new word grammar*. New York: Oxford University Press, 2007.

KEIL, H. *Grammatici Latini*. Vol 1. Lipsiae: Teubneri, 1857.

KEIL, H. *Grammatici Latini*. Vol 4. Lipsiae: Teubneri, 1864.

KEIL, H. *Grammatici Latini*. Vol 6. Cambridge: Cambridge University Press, 1874.

KEIL, H. *Grammatici Latini*. Vol 7. Lipsiae: Teubneri, 1880.

KEIL, H.; HERTZ, M. *Grammatici Latini*. Vol 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1880.

JACKENDOFF, R. *Foundations of language*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

LEITE, L. R. *Latine Loqui: curso básico de Latim*. Vitória, EDUFES: 2016.

MEILLET, A.; VENDRYES, J. *Traité de grammaire comparée des langues classiques*. 4ed. Paris: H. Champion, 1966.

OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (org). *Funcionalismo linguístico: vertentes e diálogos*. Niterói: Editora da UFF, 2017.

ROSA, F. S. L. *A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional*. 216 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2019.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, 2016, n. 60, v. 2, p. 233-259.

SAMBRANA, V. A construção [Vpv(x)]md em rede construcional. *Anais do XXII Seminário Nacional e IX Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática*. Volume 1, Número 1. Niterói: Letras da UFF, 2018, p. 113-130.

SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot, 1955.

SJOESTEDT, M. L. Les itératifs latins en –tāre (–sāre). *Bulletin de la Société de linguistique de Paris*. No 79. Vol 1. Paris: Honoré Champion, 1925, pp. 113-143.

TAVARES DA SILVA, J. C. *Esquemas de imagem na formação de denominais em português: o caso de -eiro e -ário*. 227 fls. (Doutorado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2017.

TAYLOR, J. *The Oxford Handbook of the Word*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

TRASK, R. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. Tradução de Rodolfo Ilari. 2ed. São Paulo: Contexto, 2006.

TRAUGOTT, E. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (edt). *Variation, Selection, Development—Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008, pp. 219–250

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, G. Constructions in grammaticalization and lexicalization: Evidence from the history of a composite predicate construction in English. In: TROUSDALE, G.; GISBORNE, N. *Constructional Approaches to English Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008, pp. 33-67.

TROUSDALE, G. Issues in constructional approaches to grammaticalization in English. In: STATHI, K., GEHWEILER, E.; KÖNIG, E. (edt). *Grammaticalization: Current Views and Issues*. Amsterdam: Benjamins, 2010, pp. 51-72.

**Recebido em:** 20/12/2020

**Aprovado em:** 05/02/2021

**Publicado em:** 25/07/2021